

País busca a eficiência

Rio — A indústria brasileira deve ajustar-se às novas condições internacionais e tornar-se competitiva pela eficiência e pela qualidade, e não por pagar salários mais baixos. Será preciso investir mais na pesquisa, importar tecnologia, rever a política de incentivos e exportar mais a indústria à concorrência externa, sem a deixar desprotegida diante do jogo bruto e às vezes sujo do mercado mundial. Uma lei de comércio, talvez nos moldes da norte-americana, poderia criar proteção seletiva, sem premiar a incompetência. Para estes pontos convergiu a maioria dos trabalhos apresentados ontem no painel sobre estratégia industrial do fórum "Idéias para Modernização do Brasil", coordenado pelo ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso, na sede do BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social).

REVISÃO

A revisão da política de informática foi defendida por José Pelúcio Ferreira, secretário de Tecnologia do Rio de Janeiro e ex-presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), agência do Ministério de Ciência e Tecnologia. Embora atribua resultados positivos à reserva de mercado, Pelúcio Ferreira pede a desburocratização das importações de equipamen-

tos e de componentes para baratear a produção nacional do setor de informática. Além disso, como a informatização é essencial ao fortalecimento de toda a indústria do País, "é indispensável calibrar" a proteção à área de informática para não comprometer a competitividade de todo o parque produtivo. No caso especial da microeletrônica, a proposta é de abertura mais ampla, pois "não existe a possibilidade de substituir, de forma significativa, importações por produção local", mesmo a mais longo prazo.

MUDANÇAS

O grande ponto de referência de todo o debate é a mudança do jogo no mercado internacional, em consequência das inovações tecnológicas e de organização. Nas novas condições, mão-de-obra barata e escala de produção — em alguns casos — tendem a perder a importância como armas de competição. Isso impõe ao Brasil um esforço de adaptação, já iniciado em alguns países de industrialização recente. Linhas de ação para uma nova política são sugeridas em pesquisa coordenada por Gilberto Dupas, ex-presidente da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, hoje consultor econômico, e Wilson Suzigan, da Universidade de Campinas.